



Telejornalismo e Juventude: uma análise da participação dos jovens no Jornal Hoje¹

Nara Oliveira SALLES²
Roberta BRAGA Chaves³

Iluska Maria da Silva COUTINHO⁴
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

O presente artigo busca analisar a participação dos jovens no telejornalismo brasileiro a partir de uma análise da edição do Jornal Hoje do dia 07 de abril de 2012. A avaliação do produto midiático foi realizada levando em conta como variáveis a serem observadas, o texto, as imagens e as entrevistas do telejornal, e neles a presença da juventude. O resultado foi relacionado a pesquisas feitas sobre interesses, hábitos e opiniões de jovens acerca da televisão e mostrou que a juventude se insere no contexto do telejornalismo, mas apenas em temáticas que, pelo senso comum, estão relacionadas ao público jovem.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; juventude; representação.

Introdução

A representação da juventude no telejornalismo constitui-se objeto de pesquisa em função da crescente queda nos índices de audiência que os telejornais exibidos em rede nacional vêm enfrentando no Brasil há cerca de 40 anos. Uma das motivações para essa reflexão seria a busca por compreender os motivos de distanciamento e/ou aproximação entre esse público e o telejornalismo brasileiro, principal forma de informação de grande parte da sociedade brasileira. Ao reconhecer a forma de representação dos jovens nos noticiários televisivos, seria possível ainda entender como

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Estudante do 7º período do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora. Participa do projeto de pesquisa “Telejornalismo, Juventude e Representação: Quais formatos e narrativas dialogam com os novos telespectadores?”, email: narasal@hotmail.com

³ Estudante do 7º período do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, email: robertabraga.ufjf@gmail.com

⁴ Coautora do trabalho e coordenadora do projeto de pesquisa “Telejornalismo, Juventude e Representação: Quais formatos e narrativas dialogam com os novos telespectadores?”. Jornalista formada, doutora em Comunicação (Umesp), com estágio doutoral na Columbia University. Professora do departamento de Jornalismo e do PPGCOM da UFJF, email: iluskac@uol.com.br



e se ocorre uma interação entre telejornalismo e juventude na contemporaneidade, além de perceber as características desse gênero informativo presente na programação de TV que possibilitam ou dificultam a identificação dos jovens, e com eles.

Além disso, é necessário levar em consideração a afirmação feita por Giloni e Catani (2008) acerca da importância da juventude como categoria social na modernidade. “Compreendida então como uma questão urbana e contemporânea, a juventude converte-se em foco de preocupação do Estado e de diversos setores sociais, entre eles, a mídia, a partir de temáticas como Educação, Delinquência e Trabalho” (CATANI e GIGLIOLI apud COUTINHO e MATA, 2010, p.248).

Coutinho e Mata (2010) assumem a perspectiva de que a juventude é mais do que uma categoria biológica e social, mas se constitui como uma construção social. Nessa perspectiva, é necessário destacar que para Catani e Gilioli, “haveria pelo menos duas juventudes, a burguesa e a das classes populares, com diferenças significativas entre si”. (CATANI e GIGLIOLI apud COUTINHO e MATA, 2010, p.248).

A partir da conceituação acerca da diferença das classes sociais refletida na juventude, juntamente com a possível apreensão que os jovens podem trazer para a sociedade, surge a necessidade de identificar qual o lugar da juventude no telejornalismo brasileiro, objetivo do projeto de pesquisa “Telejornalismo, Juventude e Representação: Quais formatos e narrativas dialogam com os novos telespectadores?”.

O projeto é dividido em duas esferas de investigação, que são analisadas concomitantemente. Uma se volta para a participação dos jovens no telejornalismo, mais especificamente, nos programas A Liga e CQC, da Bandeirantes, e no Jornal Hoje, da Rede Globo. Tais atrações televisivas foram selecionadas por demonstrarem, a princípio, atrair mais a atenção desse público. Outra abordagem da pesquisa é a tentativa de perceber os olhares juvenis acerca do jornalismo televisivo a partir do acompanhamento da interação dos jovens com esse tipo de programação por meio da internet e das redes sociais, mais especificamente, já que

as novas sensibilidades são produzidas por uma experimentação tecnologicamente mediada e pelo consumo cultural em grande escala, cuja linguagem é audiovisual. Ao lado da televisão, a internet, neste aspecto, ocupa posição de destaque. (BORELLI; ROCHA; OLIVEIRA, 2009, p.123)

No âmbito deste artigo buscamos apresentar reflexões acerca da presença dos jovens nos telejornais; a proposta inicialmente é analisar a participação dos jovens em



uma edição do Jornal Hoje. A análise tem como referência os trabalhos realizados sobre o interesse do público jovem, como o de Silva e Meine.

A pesquisa de Silva foi realizada em Porto Alegre, no ano de 1995, com alunos de uma escola estadual da cidade, de faixa etária entre 12 e 16 anos, com o objetivo de verificar a influência das mães no processo de mediação da televisão no espaço familiar. A pesquisadora utilizou um questionário de múltipla escolha com questões sobre a identificação dos jovens, seus hábitos televisivos e suas opiniões sobre temas polêmicos. Após esta etapa, Silva realizou entrevista para coletar dados qualitativos.

Além de ter mapeado a opinião dos jovens sobre a televisão e seu conteúdo, a autora comprovou a sua hipótese de que as mães controlam a programação e a quantidade de horas que os filhos dedicam à televisão.

Já o estudo realizado por Meine colocou em teste as hipóteses de que os jovens têm hábitos e opiniões fortemente influenciados pela televisão e que eles a assistem sem postura crítica adequada. A pesquisa seguiu os mesmos moldes da de Silva, questionário para a parte quantitativa e entrevista para a qualitativa.

Meine comprovou, através do estudo com 12 jovens do Ensino Médio, que a juventude, em sua maioria, se posiciona de maneira crítica diante a programação televisiva e que ela não é influenciada na mesma medida frente a temas polêmicos com que são confrontados

Juventude, televisão e telejornalismo

Se, como descrito por Silva, a televisão é membro efetivo da família brasileira e ritualiza a vida diária, ela também oferece a sensação de domínio através das escolhas entre ligar e desligar o televisor e qual programação assistir.

Essa sensação os jovens também experimentam, principalmente na adolescência, quando se sentem senhores da vida, com poder de transformar tudo e mudar o mundo. Eles se sentem incompreendidos e rejeitados pela sociedade e encontram na televisão o parceiro ideal. A televisão nunca diz não e sempre pode ensinar alguma coisa nova. Não exige nada e pode oferecer uma forma prazerosa de passar o tempo. (KEHL apud SILVA, 1996, p.176)

Apesar do ponto de aproximação entre televisão e jovens destacado por Kehl, a televisão pode também se afastar desse tipo de público, na medida em que reforça o senso comum a partir do uso de estereótipos. Segundo Morin (1967), a televisão,



inserida no contexto da cultura de massa, promove os valores da juventude e assimila experiências desse faixa da população. Para ele,

sua máxima é “sejam belos, sejam amorosos, sejam jovens”. Historicamente, ela acelera o vir-a-ser, ele mesmo acelerado de uma civilização. Sociologicamente, ela contribui para o rejuvenescimento da sociedade. Antropologicamente, ela prolonga a infância e a juventude junto ao adulto. Metafisicamente, ela é um protesto ilimitado contra o mal irremediável da velhice. (MORIN, 1967, p.163)

Dessa maneira, a televisão

atua ora para definir e reforçar os valores defendidos pela classe dominante, ora para comunicar ao espectador posições dos vários segmentados da sociedade, tanto em valores éticos e estéticos, quanto dos interesses dos grupos sociais, ou ainda, em termos de mostrar os problemas universais que envolvem e afligem o ser humano. (SILVA, 1996, p.178)

Nesse sentido, a televisão se destaca como mediadora de discussões entre os telespectadores e demais instituições sociais, como família, Igreja, escola etc. Tal levantamento pôde ser confirmado na pesquisa realizada por Meine com 12 alunos da 1ª série do 2º grau do Colégio São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, em que os entrevistados afirmaram que a televisão possibilita discussão de assuntos com os pais, que têm a oportunidade de orientar os filhos. Segundo a pesquisadora, os jovens preferem assistir televisão acompanhados em função da “oportunidade de conversar sobre o que está sendo visto, de trocar informações e impressões, de configurar e reconfigurar em grupo a mensagem televisiva” (MEINE, p.130), o que configura a audiência ativa.

(...) a possibilidade de aprendizagem dos conteúdos da televisão (nem sempre positivos), ampliam e tornam mais complexa a forma de produzir o aprendizado no contexto do lar, dos usos e recursos que a própria televisão oferece para contrapor seus temidos efeitos. (BARRIOS apud SILVA, 1996, p.197)

O telejornalismo, na pesquisa realizada por Silva com dez jovens de 12 a 16 anos, estudantes da 8ª ano do 1º grau da Escola Estadual de Primeiro Grau Completo Dr. Gustavo Armbrust, de Porto Alegre, foi apontado como o gênero mais assistido pelos jovens, com 31%. Já na pesquisa realizada por Meine, o telejornalismo fica em segundo lugar. As telenovelas ficam em primeiro plano nessa situação. Um dos



entrevistados da pesquisadora Meine define, o que para ele constitui um programa voltado para a juventude.

Até eu gosto muito de assistir o “Programa Livre”, que é um programa assim mais para jovens, virado assim para uma coisa totalmente diferente, que são debates sobre assuntos que todo mundo está interessado. Situações que a gente está vivendo no dia-a-dia. Eu acho que esses programas são importantes. (MEINE, 1996, p.126)

Já na pesquisa realizada por Borelli, Rocha e Oliveira, com jovens da Zona Sul e da Zona Oeste de São Paulo, a maioria dos jovens afirmaram que não gostam de assistir televisão. Muitos deles criticaram os programas de apelo popular e à estética do grotesco. Foi comprovado que nenhum deles tem preferência pela espetacularização da violência.

Ainda no universo desta pesquisa, a maior parte dos jovens que afirmou assistir televisão vê noticiários, e tem como filmes a segunda opção. A maioria dos entrevistados afirmou preferir assuntos de cobertura internacional, cultura, política, esporte, diversão e arte, além de temas científicos e do mundo da informática.

Embora os telejornais sejam considerados como importantes, parte dos jovens entrevistados por Meine consideram que os fatos são apresentados de maneira significativamente distorcida. Segundo Meine, os jovens “estão cientes de que os noticiários são manipulados e que as emissoras só dão destaque às informações que interessam ao dono da empresa”.

Os depoimentos mostram claramente uma certa falta de confiabilidade na programação da TV, especialmente no que se refere aos noticiários. Explicam, de certa forma, porque os jovens têm dificuldade em aceitar uma maior influência da TV sobre suas cabeças, atribuindo esse papel às suas famílias, que estão próximas, com as quais é possível dialogar, esclarecer, e que podem até ser contestadas. (MEINE, 1996, p.136)

Já Silva, revela que os conteúdos transmitidos pela televisão constroem comportamentos e opiniões. “Esta empatia de linguagem com a TV se gera temas e promove debates entre os jovens estudantes, pois acabam todos pertencendo à mesma *tribo*” (SILVA, 1996, p. 196).



A participação dos jovens no Jornal Hoje

Apesar dos apontamentos descritos com relação aos interesses, hábitos e opiniões dos jovens, é necessário avaliar a participação efetiva deste público no telejornalismo. Para isso, será analisada uma edição do Jornal Hoje, tomando como recorte empírico o telejornal veiculado no sábado, 07 de abril de 2012, apresentado pela jornalista Sandra Annenberg.

A observação foi guiada por uma ficha avaliativa que levou em consideração, entre outras coisas, a presença dos jovens no texto, nas imagens e em entrevistas.

Na escalada do noticiário, oito temas tiveram destaque. Foram eles: deslizamentos de terra em Teresópolis; um ano do massacre em Realengo; benefícios do chocolate; dicas para economizar gás de cozinha; conflitos no Bahrein; celebração do Fogo Sagrado em Jerusalém; primavera em Nova York; como montar a área de serviço. Desses, apenas dois tiveram algum tipo de referência a jovens: o do massacre em Realengo, em que a apresentadora pronunciou a palavra “estudantes” e o da primavera em Nova York, que trouxe imagens de jovens nas ruas da cidade.

O principal assunto do telejornal desse dia foi os deslizamentos de terra em Teresópolis, no estado do Rio de Janeiro. Este tema enquadrou uma reportagem e duas notas cobertas, mas apenas na reportagem foram mostradas imagens de crianças em abrigos.

Depois da previsão do tempo, a temática abordada foi o ano que se passou depois do massacre em Realengo. Foi feita uma nota ao vivo na escola em que aconteceu a tragédia, seguida de uma reportagem. Na abertura da matéria, a apresentadora diz “E hoje é dia de lembrar os 12 jovens assassinados em uma escola de Realengo, no Rio de Janeiro”. Em seu texto, a repórter afirma que “Cartazes com mensagens para os adolescentes mortos foram colados aqui no muro da escola”. Os jovens só voltam a aparecer quando ela relata o que ocorreu na escola há um ano atrás. A juventude também entra em cena através de imagens da câmera do colégio no dia massacre e das homenagens prestadas às vítimas.

Em nota ao vivo com entrevista sobre compras de ovos de Páscoa na última hora, jovens foram mostrados em segundo plano.

Em seguida, na reportagem sobre os benefícios do chocolate, uma jovem foi entrevistada. Em sua fala, ela afirmou que “ele [*o chocolate*] me dá uma sensação de felicidade, principalmente nos momentos de *stress*, principalmente no momento de



TPM, que ele me alivia os sintomas e me faz esquecer um pouco dos problemas, me fazendo pensar só na sensação de tá comendo ele (*sic*)”.

Encerrando o primeiro bloco, foi ao ar a reportagem da série *Hoje em casa* sobre a organização da área de serviço. Não houve referência a jovens em imagens, texto ou entrevistas.

A primeira matéria do segundo bloco foi uma entrada ao vivo do correspondente em Nova York e, em seguida, uma nota coberta sobre a queda de um avião militar nos Estados Unidos. A presença de jovens não foi detectada.

Depois foi transmitida uma sequência de notas cobertas, “Mundo em 1 minuto”, em que crianças aparecerem em imagens de manifestação no Bahrein e em filas na Síria.

Na última matéria do segundo bloco, uma reportagem da série *Crônicas de Nova York* sobre a variação de temperatura na primavera da cidade trouxe imagem e entrevista de jovens. Na abertura da entrevista, a repórter já antecipava que “este grupo faz piada com os altos e baixos dos termômetros”. A participação dos jovens se diferenciou pela entrevista em trio, em que os jovens, abraçados, disseram: “nós viemos preparados para chuva e o frio. Agora saiu este sol. Resolvemos fazer do guarda-chuva, guarda-sol”. Além desta entrevista, outra jovem foi ouvida. Para introduzir a fonte na matéria, a correspondente afirmou que Sarah, a jovem, “sempre leva um guarda-chuva na bolsa”. A entrevistada acrescentou: “eu uso ainda um blazer por baixo de um casaco bem pesado e longo de lã”. No final da matéria, a fala de Sarah parece continuar na voz da repórter, “e os sapatos *pink*, porque, afinal, é primavera”.

A única matéria do terceiro e último bloco foi sobre economia de gás de cozinha e não fez nenhuma referência ao público jovem.

De uma maneira geral, de 12 matérias apresentadas, nenhuma contou com a presença de jovens no texto, três trouxeram esse público somente em imagens, uma apresentou entrevista, uma uniu a participação jovens em entrevista e imagem e outra juntou texto e imagem de jovens.

Considerações finais

A participação dos jovens nesta edição do Jornal Hoje se restringiu a assuntos que, pelo senso comum, estão ligados a essa faixa da população. Na nota sobre vendas



de ovos de Páscoa, as imagens de jovens ao fundo confirmam o consumismo que se designa à juventude. Como colocado por Borelli, Rocha e Oliveira,

os jovens (...) constroem e expressam suas identidades com base nas complexas escolhas de consumo simbólico que estão à sua disposição, como num excitante hipermercado de imagens, símbolos, territórios, ideologias, referências, modas, objetos, bebidas, comidas, filmes sites, livros etc. (BORRELIL; ROCHA; OLIVEIRA, 2009, p.98)

O mesmo acontece com a reportagem sobre os benefícios do chocolate, em que a jovem aparece dizendo que consome chocolate para controlar o estresse e diminuir a tensão pré-menstrual. É possível fazer uma conexão entre a fala da entrevistada e o fato da mudança hormonal vivida na juventude que pode trazer alterações de humor.

A presença dos jovens em *Crônicas de Nova York* trouxe informalidade à matéria, embora o tema também fosse leve. Isso se deveu à música de fundo que apareceu ao longo da reportagem e a palavras e à maneira de a repórter conduzir o relato, com direito a risadas, gírias e palavras estrangeiras, como a utilização do vocábulo *pink* ao invés de rosa. Além disso, a apresentação de imagens de flores que vinham à tona em fundo preto, também se diferenciava de matérias formais do dia a dia.

Entretanto, o principal elemento de descontração da reportagem foi a entrevista em conjunto, em que os três jovens riam e se abraçavam. A fala da repórter na abertura da participação do trio já antecipava que eles fariam uma “piada”. De fato, a entrevista concedida por eles deles, remeteu ao humor. Nesse sentido, cabe a ponderação feita por Coutinho e Mata (2010), de que na busca pela aproximação entre juventude e telejornalismo

haveria uma busca pelo estabelecimento de mudanças ou nuances especialmente dos tons de seriedade, formalidade e distanciamento, como forma de construir uma representação mais próxima do público jovem. (COUTINHO e MATA, 2010, p. 263)

A única matéria em que o fato que desencadeou a reportagem era diretamente ligado a jovens, caso da matéria do massacre em Realengo, eles não foram ouvidos, embora alguns tenham participado da tragédia. Dessa forma, apesar da matéria ter sido a única a unir texto e imagem com referência a jovens e trazer a participação dos mesmos na escalada, ela deixou de ouvi-los.



A presença de imagens de crianças em manifestações e conflitos na Síria, assim como a de crianças em abrigos em Teresópolis na escalada, não constituem fator de aproximação com o público jovem, embora possa ser avaliado como um fator de humanização e de possível sensibilização do telespectador.

A partir da análise realizada, pode ser considerado que os jovens participaram no telejornal apenas quando são apresentadas reportagens com temáticas mais frias e de diversidades. A presença da juventude, no entanto, esteve ausente quando o assunto era mais sério, ou melhor, com mais impacto e relevância social.

Essa constatação vai de encontro ao resultado já explicitado da pesquisa de Borelli, Rocha e Oliveira, em que os jovens afirmavam preferir assuntos relacionados à cobertura internacional, à cultura e à política.

Nesse sentido, pode-se concluir que os jovens aparecem no telejornal analisado, mas sua participação está restrita ao universo que o senso comum considera ser de jovem, aquele que aborda moda, consumo e humor. Assim, ainda é constante o uso de estereótipo ao se tratar de juventude no telejornalismo.

Quando se tem a possibilidade do jovem levantar algum assunto relevante e de certa seriedade, são prioritárias as fontes adultas, oficiais e especialistas, mesmo que a juventude esteja ligada ao tema. Assim, percebe-se que no telejornal em análise os jovens não têm direito à voz, não são julgados capazes, pela edição, de produzir discursos sobre si próprios.

Dessa forma, há o espaço para o jovem, mas não há uma mudança na maneira de enxergá-lo, como alguém que não apenas fala, mas participa de outros acontecimentos diferentes daqueles pré-definidos pela sociedade.

REFERÊNCIAS

BORELLI, S. H. S.; ROCHA, R. de M.; OLIVEIRA, R. de C. A. **Jovens na cena metropolitana**. São Paulo: Paulinas, 2009.

COUTINHO, I. & MATA, J. Telejornalismo, Juventude e Representação: Quais formatos e narrativas dialogam com os novos telespectadores? In BARBOSA, M. & MORAIS, O(orgs). **Comunicação, Cultura e Juventude**. São Paulo: Intercom, 2010. pp. 247-266.

MEINE, B. Os jovens e a televisão. In GOMES, P. G. (org). **Televisão e audiência: aspectos quantitativos e qualitativos**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1996. pp. 103-140



MORIN, E. **Cultura de massas no século XX (o espírito do tempo)**. Rio de Janeiro: Forense, 1967.

SILVA, E. M. Como os jovens vêem televisão. In GOMES, P. G. (org). **Televisão e audiência: aspectos quantitativos e qualitativos**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1996. pp. 175-198